



ORIENTE MÉDIO

Hamas costura frente eleitoral

Movimento islâmico articula bloco para disputar a eleição legislativa da Autoridade Palestina, em novembro, e desafiar o presidente Mahmud Abbas. A coalizão pode contar com setores descontentes do próprio partido governista

» SILVIO QUEIROZ

Em meio ao impasse nas negociações sobre o pós-guerra na Faixa de Gaza e da ofensiva crescente de colonos judeus sobre a Cisjordânia ocupada, com a convivência denunciada do Exército israelense, uma ampla frente de oposição se articula para disputar as eleições legislativas da Autoridade Nacional Palestina (ANP), em 28 de novembro. O Hamas, alvo frontal de Israel em Gaza, reuniu no início da semana representantes de outras cinco forças político-militares palestinas para discutir a apresentação de uma lista conjunta de candidatos, com o propósito de desafiar o presidente da ANP, Mahmoud Abbas. O bloco inclui grupos islâmicos e laicos e até um setor do Fatah, o partido nacionalista de Abbas.

“O Hamas decidiu ir às urnas com uma frente nacional a mais ampla possível”, disse ao **Correio** o analista Alon Ben-Meir, iraquiano de origem judaica, professor de relações internacionais da Universidade de Nova York. Especialista em assuntos do Oriente Médio, Ben-Meir considera a iniciativa do movimento islâmico “de dimensão estratégica, não apenas eleitoral”. O Hamas “contesta a reivindicação do Fatah como representação exclusiva (dos palestinos) e expõe a convocação de eleições apenas legislativas (e não presidenciais) como uma tentativa de Abbas para renovar a própria legitimidade”.

Bruno Beakline, cientista político e professor de relações internacionais na Onifin, de Porto Alegre, lembra que listas eleitorais conjuntas entre os setores críticos ao presidente da ANP “não são novidade”, e se fizeram presentes nas eleições previstas para 2021 — e canceladas, de última hora, depois que o Hamas “entrou em guerra para proteger a população de Jerusalém ocupada da limpeza étnica no bairro de Sheik Jarrah”, na Esplanada das Mesquitas. “A tendência é que a unidade entre os setores políticos que têm moral alto, pela longa

Ilia Yefimovich/AFP



resistência ao genocídio, é muito factível, apesar da relação sempre tumultuada entre forças laicas seculares e forças islâmicas.”

O estudioso de Nova York avalia que a vitória de uma coligação anti-Abbas é “tangível”, mas considera improvável que o Hamas repita a vitória de 2006 — na última eleição legislativa da ANP —, quando conquistou sólida maioria e a autoridade para formar o governo palestino. Neste ano, ao que indicam os movimentos iniciais, “o setor do Fatah ligado a Abbas decidiu disputar sozinho”, embora admita alianças, desde que excluam o Hamas e a Jihad. O apoio ao partido nas pesquisas está em 21%, enquanto o Hamas “caiu de 41%, em 2006, para 28%, com 40% dos entrevistados respondendo que nenhuma das duas forças merece” liderar a ANP. “Com 200 cadeiras em jogo e a exigência de apenas 1% de votos para

ter representação, o mais provável é uma fragmentação”.

Rearranjo de forças

O fator capaz de fazer a balança pender para o lado dos opositores de Abbas é a aproximação de um setor do Fatah, a Reforma Democrática, liderada por Mohammed Dahlan. Natural do campo de refugiados de Khan Yunis, em Gaza, e atualmente exilado em Abu Dhabi, nos Emirados Árabes Unidos, Dahlan foi nos anos 1990 o braço-direito, no território, da ANP, então presidida pelo líder histórico, Yasser Arafat. Na época, reprimiu com energia o Hamas, mas acabou virtualmente expulso do Fatah em 2011, já sob comando de Abbas.

“A oposição a Abbas hoje supera antigas desavenças”, pondera Ben-Meir. “Dahlan encontrou terreno comum com o Hamas na hostilidade compartilhada (ao presidente

da ANP). E o 8º Congresso do Fatah aprofundou as diferenças organizativas e a competição por vagas na lista de candidatos”, completa. “Uma coalizão também favorece a reivindicação de uma eleição presidencial simultânea.” O analista acredita que a escalada de ataques dos colonos na Cisjordânia ocupada radicaliza o eleitorado contra a ANP, mais do que transfere votos diretamente para o Hamas”. E aponta como beneficiários, também, “os rivais de Abbas no próprio campo nacionalista”.

O professor brasileiro vê na atitude de resistência o capital político-eleitoral dos partidos e movimentos palestinos que denunciam a passividade da ANP sob Abbas. “A presença de colonos invasores é um acinte ao direito internacional”, afirma. “Não é possível que uma situação de colaboração seja normalizada. Dessa forma, os setores políticos que combatem o colaboracionismo vão ganhar espaço.”

SOS para Trump

O palestino Louai Abu Ridi, que tem cidadania norte-americana, resolveu pedir socorro aos Estados Unidos para pôr fim a mais de uma semana de cerco imposto por colonos judeus à casa da qual é proprietário, no vilarejo de Qusra, no território (ocupado por Israel) da Cisjordânia. Abu Ridi retornou de Ohio (EUA), onde mora, quando soube que os colonos haviam sitiado a casa, impedindo a saída dos moradores e a entrada de mantimentos. Chegou acompanhado de jornalistas, no início da semana, e decidiu hastear na fachada a bandeira dos EUA. “É a minha mensagem para todos os norte-americanos, para que vejam o que está acontecendo aqui, na Cisjordânia, a maneira como os colonos nos cercam e tentam tomar a minha casa”, relatou à agência de notícias France-Press. Sob pressão de Washington, o Exército israelense anunciou na semana passada que ordenou a saída dos colonos e desmontou seu acampamento — mas eles voltaram. Abu Ridi filmou os sitiantes circulando em quadriciclos diante da casa, e apontou a cumplicidade dos soldados. “Não fazem nada, chegam até a apertar a mão deles. É como se fossem amigos”, protestou.

Israel anuncia investigação

A protagonista póstuma que inspirou o premiado filme franco-tunisiano *A voz de Hind Rajab*, uma menina palestina de 5 anos, tornou-se, passados mais de dois anos da morte, o pivô de uma investigação criminal aberta ontem pelo Exército israelense. O corpo de Hind foi encontrado em um carro crivado de balas na Cidade de Gaza, em janeiro de 2024, na fase mais aguda da reação militar de Israel contra os ataques do Hamas contra o sul do país, em 7 de outubro de 2023. Dias antes, ela tinha pedido socorro ao Crescente Vermelho Palestino, por telefone. Os demais ocupantes do veículo, todos da família, morreram.

Foi a primeira vez que as Forças de Defesa de Israel (FDI) admitiram que seus soldados abriram fogo contra o veículo. De imediato, diante da forte reação internacional ao episódio, os militares sustentaram que suas tropas não estavam no local. “Após uma análise das conclusões, decidiu-se iniciar uma investigação criminal”, diz o comunicado.

O texto diz que os soldados dispararam contra um veículo

Reprodução/Redes sociais



Hind Rajab, 5 anos, morta por tropas israelenses em Gaza

que avançava em sentido oposto ao alerta emitido aos moradores da área. Segundo o Exército, os serviços de resgate enviaram uma ambulância. “No entanto, segundo as denúncias, ao chegar ao local, a ambulância foi atingida por um projétil, resultando na morte dos dois paramédicos que estavam dentro.”

A voz de Hind Rajab reproduz trechos da conversação e foi indicado ao Oscar de Melhor Filme Internacional e conquistou o Leão de Prata no Festival de Veneza.

ESTADOS UNIDOS

Esquerda surpreende nas primárias da Flórida

» RODRIGO CRAVEIRO

A 76 dias das eleições de meio de mandato que podem redesenhar o controle das duas casas do Legislativo, os democratas celebram sucessivos triunfos nas primárias da Flórida — um dos principais estados-pêndulo nas eleições americanas e residência do presidente Donald Trump. Para Richard Mullaney, cientista político do Instituto de Políticas Públicas Haskell da Universidade de Jacksonville (Flórida), o fato mais surpreendente — “de longe” — foi a “vitória inesperada e impressionante de Angie Nixon na disputa pela indicação democrata no Senado”.

Integrante dos Socialistas Democráticos da América (DSA, pela sigla em inglês), a ala esquerdista do Partido Democrata, Angie superou o ex-militar Alexander Vindman, até então tido como o favorito, para disputar uma vaga no Senado, em 3 de novembro. Ante a derrota inesperada de seu candidato, Trump não poupou Vindman: chamou o veterano condecorado de “canalha traiador”. O titular da Casa Branca também previu a “segunda derrota” de

Joe Raedle/Getty Images/AFP



Angie Nixon (D) é a escolhida dos democratas para disputar o Senado

Nixon frente a seu adversário republicano em novembro.

“Angie Nixon enfrentará, naturalmente, a republicana Ashley Moody na eleição geral. Será uma batalha árdua para Nixon em novembro. A Flórida é um estado republicano e muito diferente de Nova York, Maine, Michigan ou Minnesota, por exemplo, onde candidatos progressistas e populistas obtiveram sucesso”, afirmou Mullaney ao **Correio**.

O estudioso lembrou que Angie Nixon é da ala progressista e mais populista do Partido Democrata. “Ela é parte de uma grande divisão na legenda. Esse fenômeno, a possível fragmentação do partido, mostra-se mais evidente em Nova York, Minnesota, Michigan, Wisconsin e outros estados de maioria democrata ou decisivos (os chamados ‘swing states’);”, destacou Mullaney. “O cenário é diferente na Flórida, onde a

eleição geral representará um grande desafio para Angie Nixon.”

Mullaney não acredita que as primárias da Flórida representem um termômetro para as eleições de meio de mandato. “Elas podem indicar onde está o ânimo dentro do Partido Democrata, ainda que não sejam, necessariamente, um bom indicador para o leito”, disse. No dia seguinte à vitória, Angie Nixon escreveu, em seu perfil na rede social X, que os cidadãos da Flórida votaram pela mudança. “Ganhar a primária foi apenas o começo. Temos 76 dias para conquistar a Flórida para os democratas, ganhar esta cadeira no Senado e ajudar a retomar o controle da casa. Não podemos desperdiçar um dia sequer.”

Além da vitória de Nixon, o deputado Jared Moskowitz não teve dificuldades para vencer o progressista da ala social-democrata Oliver Larkin em um distrito recém-reconfigurado que os republicanos esperam conquistar em novembro. Por sua vez, a também deputada Debbie Wasserman Schultz sobreviveu a uma primária muito acirrada em um distrito de forte maioria democrata.

Brendan Smialowski/AFP



O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, afirmou que se reunirá com o ditador norte-coreano, Kim Jong-un, antes do fim do ano, naquele que seria o primeiro encontro entre os dois desde que o republicano retornou ao poder. “Sim, vou me reunir com ele”, respondeu Trump ao ser questionado sobre o assunto enquanto mostrava aos repórteres as reformas em andamento na Casa Branca. Trump também disse que a Coreia do Norte possui 57 armas nucleares “muito potentes”, uma referência rara e incomumente específica por parte de um presidente americano ao arsenal nuclear norte-coreano. O *Wall Street Journal* informou que o encontro poderá ocorrer durante a viagem do presidente à China para a cúpula da Cooperação Econômica Ásia-Pacífico (Apec), em novembro. Em 30 de janeiro de 2019, Trump e Kim cruzaram a linha de demarcação da fronteira entre as Coreias do Sul e do Norte, na Zona Desmilitarizada (DMZ).